



Chapa "100": um mal necessário?

N. 18/6/86

Não é preciso que o indivíduo esteja dentro das suas faculdades mentais, basta ser residente do Grande Maputo e que saia de casa, não importa como, para ver, pois isto é uma realidade que se vive e não uma notícia.

Questão largamente debatida no órgão mais alto do poder de Estado. Debatida, mas não oficializada e, quando se espera a todo o momento a implementação das decisões tomadas, por si a «chapa 100» homo, loga se (?).

De lá até aqui, toda a frota de camioneras, carrinhas, mini-bus, e outras viaturas, foram recuperadas e mobilizadas para a Ronil, Praças da Marinha e dos Trabalhadores, e, em contrapartida, machimbombos dos TPU's amontoados nos parques e oficinas avariados (?), como que de do lugar a estes, pois alguns dos «chapas» (não) são cobradores, condutores e fiscais dos TPU's.

Nas Avenidas principais que dão acesso às zonas suburbanas e bairros da capital, só se confunde entre

lenha, carvão, sacos e gente, pois tudo é carga e o que conta é o dinheiro, sem que no mínimo se tenha em mente os riscos a que esta última está exposta.

Nas ruas acima referidas, em cada esquina, dois a quatro Polícias de Trânsito, mas estes para controlar e (não) para multar, pois, alguns até (não) são patrões e/ou sócios de algumas carrinhas. Senão é caso para perguntar, porque tanta passividade da Polícia de Trânsito?

Como se referiu no 1.º parágrafo, que ninguém diga que não vê, não viu, não sabe, não soube, mas sim, (talvez) que se diga (não) fez guerra de ganhar malícia enquanto as leis estão adormecidas.

Nesta caça ao Metical, até se chega ao «cúmulo» de se arrancar (todos) os bancos dum machimbombo privado para (não) acomodar ninguém e melhor carregar, pois, a lotação não conta. Sinceramente não sei qual é o tipo de «Nhandalelo» que se tem de gritar para que alguém de direito oça, veja para algo,

não para pôr termo, mas, pelo menos, para regulamentar e disciplinar o funcionamento desse, não pondo em causa o trabalho prestado, e, nesta óptica até ajudam aos aflitos, o que melhor seria serem oficializados, criando-se tabelas legais, pois, sem isso, quem paga é o cidadão comum, trabalhador que tem de ser consciente, pontual ao serviço, a morar no Bairro Jorge Dimitrov, e trabalhador na Baixa/Matola/Machava, salário 4/80, transporte, TPU 3,50 (raríssimo) filhos estudantes na Francisco Manvanga/Comercial/Josina... alternativa (?) «chape», como (?) desenrasque, para todos (?), que remédio, mas não roubar, não pode ser candongueiro. Combate-se vigorosamente a candonga, o Estado somos nós, operários e camponeses, o gabinete é local de trabalho, onde o assunto está a ser estudado (?) para ser submetido às estruturas competentes (?) e, enquanto isso... grande patriotismo (?).

JOÃO SIMBINE